

Marx e as Questões Contemporâneas

CAIO BUGIATO, LÚCIA VALADARES SARTÓRIO E MÁRCIO RUFINO (ORGS.)
Curitiba: Brazil Publishing, 2020. 328p.

André Flores Penha Valle*

Marx e as Questões Contemporâneas, organizado por Caio Bugiato, Lúcia Valadares Sartório e Márcio Rufino, reúne uma série de intervenções estimuladas pelo bicentenário do pensador alemão (2018). O livro é dividido em duas partes, “Marx: política e crítica da economia política” e “Dilemas contemporâneos e a propositura marxiana”, e possui doze capítulos, escritos por autores com diferentes formações e com atuação em diversos campos disciplinares, oferecendo uma perspectiva ampla e fecunda de mobilização do conceitual marxista para a análise da economia, política, cultura, geografia, estética, entre outros temas.

No primeiro capítulo, *Marx contra a economia política*, Eduardo Mariutti critica a interpretação reducionista da obra de Marx pelos economistas heterodoxos que exclui a especificidade da política e da ideologia no processo de reprodução social. O autor sustenta que esta interpretação possui um viés reformista, que limita sua proposição à maximização da atividade produtiva através da melhora das condições de investimento e que se restringe aos aspectos visíveis da exploração capitalista, negligenciando os mecanismos mais diversos e profundos de dominação.

Em *As análises das formas e o horizonte das leituras contemporâneas da teoria do valor*, Zaira Rodrigues Vieira apresenta a abordagem da corrente alemã *Neue Marx-Lektüre*, que compreende a forma valor e o fetichismo, não a substância do

* Doutorando em Ciência Política na Unicamp. E-mail: andrefvalle@gmail.com

valor, como traços distintivos da teoria do valor de Marx. Baseada no conceito de trabalho abstrato apresentado nos *Grundrisse*, extrínseco à mercadoria, a autora atribui à teoria da constituição monetária o potencial científico da obra de Marx, uma vez que é a troca mediada pelo dinheiro que conecta os indivíduos e assegura a reprodução social.

Em *A revolução a favor de O Capital sobre o desenvolvimento desigual em Marx*, Flávio Miranda polemiza com a hipótese de uma suposta concepção eurocêntrica e determinista do desenvolvimento histórico na obra *O Capital*. O autor argumenta que as leis gerais apresentadas por Marx possuem apenas um caráter aproximativo, devido às particularidades dos processos históricos concretos. As leis gerais não esgotam a realidade em sua complexidade, mas assumem contornos diversos e específicos que assinalam o desenvolvimento desigual do capitalismo.

Em *Marx e a Política*, Caio Bugiato sistematiza noções presentes nas obras de maturidade de Marx que, uma vez articuladas, constituem uma teoria política notável e distinta em relação a outras correntes teóricas. As reflexões dispersas sobre diferentes obras, referentes a classe social e fração de classe, burguesia e proletariado, forças sociais, lutas de classes, Estado, política internacional, reforma e revolução, socialismo e comunismo, constituem um valioso dispositivo conceitual para a pesquisa histórica e para a análise política, assim como para uma teoria da transição socialista.

Em *O Capital e a cultura: elementos de economia política da cultura em Marx*, Bruno Borja desenvolve o conceito de cultura como modo de vida particular das diferentes classes sociais e como produção apropriada pelo capital, que aliena, explora e subsume o trabalho artístico. Segundo o autor, o desenvolvimento capitalista e a autonomização da produção cultural, subordinada ao capital como mercadoria, consolida a indústria cultural de massas, cuja tendência é a padronização dos produtos culturais e o seu controle pelas grandes corporações no capitalismo monopolista.

Em *A teoria do valor de Marx*, Pablo Bielschowsky e Utanaan Barbosa Filho apresentam a superioridade da teoria de Marx sobre o dinheiro em relação à economia política clássica. É o duplo caráter social do trabalho, ao apresentar a distinção entre valor de uso e dinheiro, que permite explicar tanto o seu caráter místico, que esconde o trabalho social, como a sua função enquanto equivalente universal para troca de mercadorias. O dinheiro não constitui mero instrumento de troca, portanto, mas o nexos social indispensável no capitalismo.

Em *Crítica marxiana à politicidade*, Maria Juvêncio Sobrinho aborda a crítica da política no jovem Marx (1843-1844) que desvenda a vinculação entre o Estado e a sociedade civil. O Estado, para o jovem Marx, é a alienação política, a consagração da sociedade burguesa e do indivíduo egoísta, constituindo um obstáculo para a emancipação humana. A autora sustenta que o caráter negativo da política persiste mesmo nas obras de maturidade, corroborando a tese de José Chasin sobre a “ontonegatividade da politicidade” no conjunto do pensamento de Marx.

Inaugurando a segunda parte do livro, no capítulo *Karl Marx vigente: materialismo histórico e luta de classes no bicentenário do “mouro”*, Diorge Konrad apresenta a vigência do materialismo histórico para a análise do capitalismo contemporâneo. O autor argumenta que o princípio epistemológico da totalidade, que compreende a realidade como síntese de múltiplas determinações, permite desvendar o processo de luta de classes por trás dos fenômenos políticos e ideológicos, conferindo a validade científica e a vitalidade do marxismo enquanto houver capitalismo e luta de classes.

Em *Marx, trabalho e tempo livre*, André Guimarães Augusto apresenta a tese do desenvolvimento contraditório do homem no capitalismo, pois, ao mesmo tempo em que ele cria o tempo livre necessário para o desenvolvimento das faculdades humanas e das potências sociais, priva os trabalhadores e aliena o caráter de autorrealização das atividades humanas. O autor defende que a crítica do trabalho é central no pensamento de Marx, compreendendo o comunismo como a sociedade do tempo livre, capaz de assegurar o livre desenvolvimento de todos os indivíduos.

Em *Marx e a questão urbana*, Márcio Rufino sistematiza as contribuições de Marx, Engels, David Harvey e Henri Lefebvre para a análise da questão urbana, tendo como problemática a relação entre o processo de urbanização e as necessidades da acumulação de capital, que se apresenta na divisão entre cidade e campo, na transformação do espaço urbano pela mundialização financeira e na hipótese de urbanização total pelo desenvolvimento capitalista. O autor sustenta que o espaço urbano é o lócus das estratégias do capital e, ao mesmo tempo, das formas de emancipação social, como terreno da luta de classes.

Em *Estética marxista: arte, política e humanismo*, Leandro Cândido de Souza argumenta que a arte de vanguarda no século XX (dadaísmo, surrealismo e futurismo) colocou em xeque a função social da arte burguesa, de educação estética do indivíduo para um mundo em que coexiste a individualidade do gênio e a multidão passiva. A arte pós-moderna representaria o fim da trajetória humanista da arte, com a substituição da função estética pela função estritamente mercadológica, que dissolve as artes nas diversas formas do cotidiano e consagra uma estética da mercadoria.

No capítulo que encerra o livro, *Crítica da alienação, sociabilidade e autoconstrução humana em Marx*, Lúcia Valadares Sartório defende a tese que a sociabilidade humana é o ponto de partida da crítica marxiana à sociedade burguesa. Para a autora, é a partir da concepção de uma humanidade socializada e plenamente desenvolvida em suas capacidades que é possível apreender a sociedade civil como fundamento dos males sociais e como obstáculo a ser superado para que os homens possam atingir o livre desenvolvimento humano, permitindo a substituição do reino das necessidades pelo reino da liberdade.

O alcance analítico apresentado e a vinculação entre teoria e propositura assinalam a atualidade teórica e política do pensamento de Marx, justificando a leitura e discussão das teses apresentadas.